

## Conquistas históricas e novos desejos

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Renata Bittencourt Meira  
Dançadora, educadora, capitã e docente do Curso de Teatro no  
Departamento de Música e Artes Cênicas da  
Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais da  
Universidade Federal de Uberlândia.

**Palavras-chave:** dança, interculturalidade, processo coletivo, educação popular, cultura popular

*Baiadô* é um grupo resultante de projeto<sup>1</sup> de pesquisa e extensão, proposto e coordenado por Renata Meira. A base da pesquisa é a prática de dançar junto. Dança que se constitui sistemática e coletivamente. Seus princípios são dialogar com as tradições populares, criar a partir desse diálogo, respeitar as diferenças e expressá-las, socializar essa prática e o conhecimento constituído a partir dela. Todos os integrantes do grupo são estimulados a contribuir ativamente na prática e na pesquisa por meio da perspectiva interdisciplinar. Esse fazer permeia as áreas de arte, educação, saúde, psicologia, história, sociologia e antropologia<sup>2</sup>. Fundado em 2002, esse grupo tornou-se um campo de formação, experimentação e pesquisa, criando uma forma de se organizar e de criar danças híbridas em diálogo com as tradições.

O Baiadô – um grupo de interesse que se renova constantemente – é aberto e gratuito. Não há limite de idade, nem data estabelecida para ingresso e egresso ou qualquer tipo de seleção. Desde sua formação, passaram pelo Baiadô mais de cento e cinquenta pessoas<sup>3</sup> de diferentes idades<sup>4</sup>, oriundas de diferentes grupos sócio culturais, com profissões e área de estudo

---

<sup>1</sup> *Baiadô, pesquisa e prática das danças brasileiras*, o capítulo “Um tecido chamado Baiadô” da tese de doutorado da autora descreve e analisa o trabalho desenvolvido no grupo.

<sup>2</sup> O projeto *Baiadô, pesquisa e prática das danças brasileiras* é um projeto guarda-chuva que abraça projetos individuais e de grupo. Se considerarmos os desdobramentos do Baiadô, o grupo atua também nas áreas de segurança pública, urbanismo, etnobotânica, políticas culturais e tecnologia da informação. Desenvolvido no Laboratório de Ações Corporais do Curso de Teatro da UFU

<sup>3</sup> Em 2006, haviam passado pelo grupo cento e vinte e oito pessoas, das quais, onze permaneceram no grupo mais de dois anos, setenta e sete permaneceram pelo menos um semestre e cinquenta e um freqüentaram menos de dois meses. De acordo com as listas de presença nos ensaios do Baiadô no período de agosto de 2008 a julho de 2009, último período analisado, o número de integrantes ativos variou entre dezesseis e quarenta pessoas. Atualmente trinta pessoas estão em atividade no grupo. Estar em atividade significa comparecer aos ensaios, apresentações do grupo, pesquisas de campo e projetos de oferecimento de oficinas no âmbito da educação e da saúde mental.

<sup>4</sup> A idade varia entre três e sessenta e nove anos, a maioria dos integrantes têm entre dezoito e trinta anos. A maioria é formada por mulheres.

diversificadas<sup>5</sup>. O trabalho em um grupo aberto necessita constantemente de dinâmicas de integração, garante o convívio com as diferenças e exige práticas que acolhem a diversidade, o que enriquece e amplia a possibilidade das ações.

O trabalho corporal é central, faz-se por meio de atividades de conscientização, sensibilização, percepção e expressão corporal. Baseia-se em vivências somáticas, com destaque para a Eutonia, segue a proposta de anatomia simbólica de Graziela Rodrigues e as experiências com a cultura popular. Os movimentos aquecimento e preparação do corpo foram selecionados ou criados e nomeados no decorrer da prática, são eles: *enraizamento*, *quebra de joelho*, *peso no quadril*, *grotowski* ou *boi*, *torções de tronco* ou *tirar olho gordo* e *ações com as mãos*. Cada ritmo tem seu *passo básico* que ganha trejeitos e dinâmicas específicas com cada dançador.

O diálogo dançado e o oferecimento sistemático de oficinas estabeleceram uma prática de ensino e aprendizagem que se baseia nos aspectos populares da educação (MEIRA, 2007, pp 103 - 125). Nessa perspectiva fazer e aprender são uma coisa só; há integração e diálogo com o contexto; há influência de diferentes processos e expressões da cultura, como cultura de massa e diferentes tradições, tanto populares como acadêmicas; a expressão é formada por diversas linguagens artísticas; é estimulado o convívio entre pessoas com experiências e capacidades distintas; o conhecimento é passado por oralidade, corporalidade e musicalidade; há respeito à individualidade e a prática é coletiva; há respeito ao tempo de aprender e ao tempo de ensinar de cada um e de cada grupo; coexistem as ações pedagógicas diferenciadas, educação familiar, difusa e institucional. Ao organizar e oferecer cursos e oficinas os integrantes do grupo são preparados como educadores, sempre considerando essas premissas. O Baiadô é, portanto, um campo de formação não formal dentro da universidade atuando na educação popular em dança.

Cada integrante do Baiadô contribui de maneira diferenciada para o repertório, e a ampliação do conhecimento dá-se por meio de trocas. O papel da coordenação do grupo, além de dar sua própria contribuição individual, é propor e mediar as trocas. A criação e a demonstração de saberes e fazeres de cada integrante são estimulados e valorizados. Com isso as qualidades que poderiam passar despercebidas são destacadas. Nas oficinas e na prática cotidiana, a arte se aproxima da educação e a educação é abordada como um meio para trocar conhecimentos que reconheçam as diferentes leituras do mundo.

---

<sup>5</sup> Congadeiros, capoeiristas, católicos, kardecistas, umbandistas, espiritualistas, ateus, atores, artistas plásticos, músicos, bailarinos, educadores, sociólogo, psicólogos da rede pública e de clínicas particulares, vendedores, trabalhadores autônomos, de serviços domésticos e de serviços gerais, desempregados, aposentados e estudantes de dez cursos diferentes da universidade.

É importante mobilizar emoções e memórias, construindo situações nas quais os afetos são compartilhados e as históricas coletivas edificadas. A memória do grupo é costurada com a história de vida de seus integrantes em eventos como casamentos, festas de aniversário, visitas de reconciliação, danças para despedidas, entre outras relações que tramam afetos por meio da criação e do convívio coletivo. A memória do grupo é cultivada em histórias que contam como cada canção e dança foram criadas, num exercício de história oral denominado *mito de origem*. É comum o grupo continuar dançando e cantando após as apresentações, eventos e festas dos quais participa. Nestas ocasiões as relações interpessoais se estreitam e a criatividade aflora. A atmosfera lúdica e de cumplicidade é propícia à criação.

Como as danças são criadas a partir das culturas populares, é importante, para o grupo, o retorno dos portadores de tradição, pois o interesse é o estabelecimento do diálogo entre a arte cultivada pelo grupo e a tradição popular. O cacuriá, o jongo, o congo e o moçambique já foram dançados para os conhecedores dessas tradições. Dançou-se cacuriá no Maranhão para as caixeiras da casa de Fanti Ashanti e nas ruas de São Luiz em pleno festejo junino. A forma como o jongo foi sendo assimilado e recriado pelo Baiadô foi dançada e contada para três jongueiros do Jongo da Serrinha. A dança do congo e do moçambique são constantemente feitas em Uberlândia e outras cidades próximas para e com a comunidade congadeira.

O Baiadô propõem a aproximação com diferentes públicos por meio do diálogo dançado. A preparação para as apresentações e eventos inclui a análise do espaço, do público e dos objetivos do evento para a definição de repertório, escolha de figurino e criação de versos. Estes cuidados são essenciais para o estabelecimento de diálogo com o contexto e da relação com o público. São praticadas improvisações de dança e música para que seja possível a resposta aos estímulos imprevistos. Danças para e com dançadores tradicionais cria oportunidade para o diálogo com as culturas populares. São estratégias de aproximação com o contexto e de definição de posicionamento político, estético, poético e afetivo do grupo. Assim a sensibilidade se amplia e toca a sociedade, o contexto cultural e seu legado coletivo.

São consideradas conquistas históricas do Baiadô a manutenção de um grupo aberto que é campo de pesquisa e formação de educadores e artistas; a sistematização do trabalho corporal; as trocas de conhecimento e os processos de criação dentro do grupo; a capacidade de mobilizar emoções e cultivar afetos; o diálogo dançado com as tradições e com outros públicos. Entretanto, o contato com diferentes expressões artísticas e tradicionais desperta outros desejos nos seus integrantes. Atualmente o desejo é de aprimoramento cênico. Em 2003, o mesmo desejo levou o

grupo a se fechar para ensaios técnicos e criação de narrativas que enfatizassem aspectos de teatralidade. O resultado foi um espetáculo interessante, o Auto Junino, entretanto o grupo perdeu força e integrantes, sendo possível apenas uma apresentação. Agora o grupo quer se manter aberto. Há a consciência de que essa condição é parte das conquistas do grupo.

Duas questões são colocadas para o fazer artístico do Baiadô nesta segunda metade do ano de 2009. A primeira é o desafio de promover um aprimoramento artístico num grupo aberto que cultiva afetos e valoriza a acolhida de seus integrantes. Um problema é que o caráter afetivo e acolhedor é confundido com a aceitação da falta de compromissos. O fato de o grupo aceitar e não discriminar integrantes faltosos, aparentemente enfraquece o comprometimento com ensaios mais técnicos, que exigem esforço físico e concentração, bem como paciência para repetições e tolerância para críticas. Para contornar esse problema foi construído um acordo que é sistematicamente reafirmado e adaptado, dando diretrizes para as ações dos integrantes do grupo e esclarecendo procedimentos por parte dos mais comprometidos. A segunda questão enfrentada atualmente pelo Baiadô é a possibilidade de ampliar as maneiras de relação com o público tradicional. A construção das celebrações a partir de diálogos corporais estabeleceu uma forma de relação com o Baiadô. Tem-se enfrentado dificuldades quando a proposta da apresentação é mais ampla do que a celebração. É interesse do grupo manter as conquistas históricas e contemplar novos desejos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU Pierre e PASSERON, Jean Claude. **A Reprodução**. Rio de Janeiro: Edições Francisco Alves, 1982.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500 – 1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: Editora da Universidade do Rio dos Sinos, 2003.

FREIRE, Madalena. **Grupo – indivíduo, saber e parceria: malhas do conhecimento**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

MEIRA, Renata Bittencourt. **Experienciar, aprender, criar e ensinar**. Revista de Educação Popular, n.4, 2005, Uberlândia, Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis.

MEIRA, Renata Bittencourt. **Baila bonito baiadô: educação, dança e culturas populares em Uberlândia, Minas Gerais**. Tese de Doutorado defendida no Programa de Doutorado da Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, São Paulo: 2007.

RODRIGUES, Graziela. **Bailarino-Pesquisador-Intérprete: processo de formação**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte - FUNARTE, 1997.